

03

Designação da naturalidade de norte a sul de Portugal através da sufixação

Maria do Céu Caetano
Universidade Nova de Lisboa

Resumo Os nomes de 'naturalidade' apresentam em português uma profusão de sufixos (cf., por exemplo, *-ano*, *-eiro*, *-ejo*, *-ense*, *-ino*, em *alcochetano*, *cartaxeiro alcoutenejo*, *alcobacense*, *abrantino*, de Alcochete, Cartaxo, Alcoutim, Alcobaça e Abrantes), distribuição que, aparentemente, não é previsível, havendo a acrescentar a existência de variantes como *alcacerense* / *salaciano* (Alcácer do Sal), ou *paivense* / *paivoto* (Castelo de Paiva). O *corpus* que serve de base à análise é constituído pelas designações dos naturais de todos os concelhos portugueses (278 no continente, 11 na Madeira e 19 nos Açores). No seguimento de Plag (1999), procura-se determinar a rivalidade sufixal nas formações acima exemplificadas, assumindo de antemão que a competição entre processos morfológicos e a existência de alomorfos não é algo de incommum (cf. Bauer 2001: 71). Pretende-se, assim, contribuir para a descrição e uma maior sistematização dos processos de formação de nomes complexos que expressam a 'naturalidade'.

Palavras-chave nomes de naturalidade; morfologia; formação de palavras; derivação; rivalidade sufixal.

Sumário 0. Introdução. 1. Suffixos que indicam 'naturalidade'. 2. Tipos de bases selecionadas. 2.1. Rad N / N simples. 2.1.1. Rad N / N simples + *-ense*. 2.1.2. Rad N / N simples + *-ê(a)*. 2.1.3. Rad N / N simples + *-ano(a)*. 2.1.4. Rad N / N simples + *-eno(a)*. 2.1.5. Rad N / N simples + *-ino(a)*. 2.1.6. Rad N / N simples + *-eiro(a)*. 2.1.7. Rad N / N simples + *-ista*. 2.1.8. Rad N / N simples + *-ato(a)*. 2.1.9. Rad N / N simples + *-ejo(a)*. 2.1.10. Rad N / N simples + *-elo(a)*. 2.1.11. Rad N / N simples + *-enso(a)*. 2.1.12. Rad N / N simples + *-engo(a)*. 2.1.13. Rad N / N simples + *-eta*. 2.1.14. Rad N / N simples + *-ico(a)*. 2.1.15. Rad N / N simples + *-oto(a)*. 2.2. Rad N-*al* + *-ense* / *-eiro(a)*. 2.3. Rad N / N composto. 2.3.1 Rad N / N composto + *-ense*. 2.3.2. Rad N / N composto + *-ano(a)*. 2.3.3. Rad N / N composto + *-ino(a)*. 2.4. Bases [+ lat] + sufixo de 'naturalidade'. 3. Alternâncias. 3.1 Suffixos diferentes que se soldam ao mesmo radical. 3.2. Alternância de radicais [+/-erudito]. 3.3. Alternância de radicais vernáculos. 3.4. Alternância de registo [+/-familiar]. 3.5. Variantes gráficas. 4. Reajustamentos das bases. 4.1. Truncamentos. 4.2. Alomorfias dos radicais. 5. Distribuição geográfica dos sufixos. 6. Rivalidade sufixal. 7. Conclusões. Agradecimentos. Referências bibliográficas. Anexo 1.

Designation of 'naturalness' from north to south of Portugal through suffixation

Abstract Denonyms are characterized in Portuguese by a profusion of suffixes (cf., for example, *-ano*, *-eiro*, *-ejo*, *-ense*, *-ino*, in *alcochetano*, *cartaxeiro alcoutenejo*, *alcobacense*, *abrantino*, from Alcochete, Cartaxo, Alcoutim, Alcobaça and Abrantes), a distribution that, apparently, is not predictable, and added to this is the existence of variants such as *alcacerense* / *salaciano* (Alcácer do Sal), or *paivense* / *paivoto* (Castelo de Paiva). The *corpus* that supports the analysis is made up of the designations of the natives of all Portuguese municipalities (278 on the mainland, 11 in Madeira and 19 in the Azores). Following Plag (1999), we seek to determine the suffixal rivalry in the formations exemplified above, assuming in advance that the competition between morphological processes and the existence of allomorphs is not something uncommon (Bauer 2001: 71). It is intended, therefore, to contribute to the description and a broader systematization of the word-formation processes of complex names that express 'naturalness'.

Keywords denonyms; morphology; word-formation; derivation; suffixal rivalry.

Contents 0. Introduction. 1. Suffixes indicating 'naturalness'. 2. Types of Selected Bases. 2.1. Rad N / N simples. 2.1.1. Rad N / N simples + *-ense*. 2.1.2. Rad N / N simples + *-ê(a)*. 2.1.3. Rad N / N simples + *-ano(a)*. 2.1.4. Rad N / N simples + *-eno(a)*. 2.1.5. Rad N / N simples + *-ino(a)*. 2.1.6. Rad N / N simples + *-eiro(a)*. 2.1.7. Rad N / N simples + *-ista*. 2.1.8. Rad N / N simples + *-ato(a)*. 2.1.9. Rad N / N simples + *-ejo(a)*. 2.1.10. Rad N / N simples + *-elo(a)*. 2.1.11. Rad N / N simples + *-enso(a)*. 2.1.12. Rad N / N simples + *-engo(a)*. 2.1.13. Rad N / N simples + *-eta*. 2.1.14. Rad N / N simples + *-ico(a)*. 2.1.15. Rad N / N simples + *-oto(a)*. 2.2. Rad N-*al* + *-ense* / *-eiro(a)*. 2.3. Rad N / N composto. 2.3.1. Rad N / N composto + *-ense*. 2.3.2. Rad N / N composto + *-ano(a)*. 2.3.3. Rad N / N composto + *-ino(a)*. 2.4. Bases [+ lat] + suffix of 'naturalness'. 3. Alternations. 3.1 Different suffixes that attach to the same stem. 3.2 Alternation of stems [+/-learned]. 3.3 Alternation of vernacular stems. 3.4. Change of registration [+/-relative]. 3.5. Graphics variants. 4. Readjustments of the bases. 4.1 Truncations. 4.2 Stems' allomorphy. 5. Geographical distribution of suffixes. 6. Suffixal rivalry. 7. Conclusions. Acknowledgements. References. Annex 1.

0.**Introdução**

Não se pode considerar que os nomes próprios tenham recebido muita atenção dos morfólogos e os nomes que indicam 'naturalidade'¹ não são exceção. Isto mesmo é afiançado por Lipka (2000: 187), ao procurar estabelecer várias categorias de nomes e de expressões referenciais e a sua relação com a formação de palavras. Segundo o autor, a Onomástica vai além da, mas inclui-se na Formação de Palavras. No caso do português, os poucos (e antigos) estudos existentes sobre o tema inserem-se de facto nessa área (cf., por exemplo, o tratamento de "Vários nomes de povoações" por Leite de Vasconcelos 1959: 295-313, em "Onomástico antigo e moderno").

Tendo como *corpus* as designações de 'naturalidade' relativas aos 308 concelhos² de Portugal (cf. Anexo 1), procura-se determinar através deste estudo os seguintes aspetos:

- quais os sufixos nominais que intervêm na formação de nomes de 'naturalidade';
- os tipos de bases (simples / complexas) selecionadas e os reajustamentos das mesmas;
- diferentes sufixos que selecionam a mesma base;
- graus diferentes de (in)formalidade;
- a eventual prevalência geográfica (norte / centro / sul) de uns sufixos em detrimento de outros;
- a rivalidade sufixal, nos processos de formação de nomes de 'naturalidade'.

1.**Sufixos que indicam 'naturalidade'**

Após o levantamento efetuado no *corpus* delimitou-se um inventário de sufixos de 'naturalidade' que compreende dezassete formas sufixais:

-ano / -ão / -eno / -iano / -ino³ (*alcochetano, valenciano,...*; *coimbrão; nazareno, santareno; limiano; abrantino, sadino,...*); **-eiro** (*murtoseiro, poveiro...*); **-ense / -ês** (*aveirense, barreirense; mirandês, vianês*); **-ista** (*freixenista, varzinista*); **-ato** (*maiato*); **-ejo** (*alcoutenejo*); **-elo** (*corvelo*); **-engo** (*mertolengo*); **-enso** (*barranquenho*); **-eta** (*lisboeta*); **-ico** (*maçanico*) e **-oto** (*penaguiota*).

1 Cf. a aceção de 'naturalidade' em Houaiss (2011), nomeadamente "2 local (estado, município etc.) em que se nasce", a qual é aqui adotada para a caracterização dos nomes em estudo, em detrimento da designação de nomes gentílicos, geralmente usada no âmbito da Onomástica.

2 Cf. <https://dados.gov.pt/pt/datasets/concelhos-de-portugal>. Neste trabalho, opta-se pela designação tradicional de *concelho*, embora, como é sabido, a denominação da unidade administrativa anteriormente apelidada de *concelho* tenha sido substituída pelo termo *município* (cf. a *Constituição da República Portuguesa*, o Decreto-Lei nº 46 139/64, de 31 de dezembro, bem como a Deliberação nº 219/2006 da Presidência do Conselho de Ministros, publicada em Diário da República, II Série, de 16 de fevereiro). Cf., ainda, <https://anmp.pt/municípios/entidades-intermunicipais/>.

3 Segundo Câmara Jr. (1975: 220), estes sufixos são alomorfos, proposta que é seguida neste trabalho.

De entre os sufixos estudados, destaca-se claramente *-ense*, sufixo mais próximo da forma latina de que se originou o par *-ense* / *-ês*, situação que é de todo excepcional, tal como demonstrado em Caetano (2003: 475), em que se apontava que nos casos em que existe alternância entre a forma latina e a forma sufixal “popular”, “essas alternâncias não se verificam em todos os contextos: os sufixos mais próximos da forma latina têm um emprego mais restrito, na medida em que as bases seleccionadas são em menor número” (cf., mais adiante, o ponto 6)⁴.

A alternância *-ense* ~ *-ês* remontará às primeiras fases do português, o que pode ser comprovado com uma consulta a textos do português medieval (cf. *CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval*⁵), sendo evidente, desde cedo, a coexistência de *-ense* na formação de nomes de ‘naturalidade’ (por exemplo, *portuense*⁶) com o sufixo *-ês* (por exemplo, *navarrês*⁷), dando continuidade ao mecanismo existente em latim, de que, como esperado, também herdámos alguns nomes em que ocorre *-ense* (por exemplo, *cessariêñse*⁸).

Como se pode observar, os últimos oito sufixos do inventário ocorrem uma única vez em nomes que designam ‘naturalidade’, não podendo, contudo, afirmar-se que não houve, à partida, condições para que se replicassem, uma vez que do *corpus* só fazem parte as denominações dos concelhos.

2.

Tipos de bases seleccionadas

Embora todas as bases seleccionadas pelos sufixos que designam ‘naturalidade’ sejam de natureza nominal e os produtos resultantes sejam igualmente nomes, ainda assim, como se pode verificar nos pontos seguintes, elas apresentam características diferentes, como se passará a especificar.

De salientar que, nesta secção e nas seguintes, o conceito de ‘radical’ é empregue na aceção de Haspelmath (2023: 289), ou seja, “a contentful morph (i.e., a morph denoting an action, an object or a property) that can occur as part of a free form without another contentful morph”.

2.1. Rad N / N simples⁹

2.1.1. Rad N / N simples + *-ense*

aguedense, albufeirense, alcanenense, alcobacense, alenquerense, alijoense, aljezurense, aljustrelense, almadense, almeidense, almeirinense, almodovarense, alpiarcense, alvaiazerense, alvitense, amadorense, amarense, anadiense, ansianense, arganilense, armamarense, arraiolense, arronchense, aveirense, avisense, azambujense, baianense, barcelense, barreirense, batalhense, belmontense, benaventense, bombarralense, borbense, botiquense,

4 Como também se avançou no mesmo trabalho, “quando os sufixos “eruditos” se soldam a bases que são igualmente seleccionadas pelos sufixos “populares” correspondentes, o semanticismo que lhes transmitem é tendencialmente menos polissémico.” (Caetano 2003: 475).

5 Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>.

6 Cf. em *CIPM*: “E, seendo elhe bispo **portuense**, fugio do bispado con temor do papa Johäne, e depois foy chamado que se tornasse e, porque nō queria, foy escomügado.” Segundo Houaiss (2011), *portuense* séc. XIV.

7 Cf. em *CIPM*: “E ouve elrrei de Navarra seiscentas lanças de ingresas a soldo que entravom per Castella com os **navarreses**.” (séc. XV).

8 Cf. em *CIPM*: “E dyzen que Sam Tyago e Basilio o bispo **cessariêñse** disserõ a orden de celebrar a missa como agora se diz, ajnda que in diversos tēpos, ca este Sam Tyago, filho do Alpheou, foy o que permeiramente disse myssa antre os apostolos, despois que Jhesu Christo subyo aos çeos e esta hōrra lhe derom por exçelença de sua santidade.”

9 Nomes terminados em [t] e [r] (cf., por exemplo, *Arganil*, *Alenquer*), ou oxítonos (cf. por exemplo, *Alijo*).

bracarense, calhetense (Açores / Madeira), caminhense, cantanhedense, cascalense, chamusquense, flaviense, cinfanense, constanciense, coruchense, covilhanense, cratense, cubense, elvense, entroncamentense, espinhense, esposendense, estarrejense, estremocense, eborense, fafense, farende, felgueirense, fronteirense, fundanense, gavionense, goiense, goleganense, gondomarense, gouveense, grandolense, vimaranense, ilhavense, lagoense (Açores / Algarve), iacobrigense, lamecense, lourense, lourinhanense, lousanense, lousadense, machiquense, madalense, mangualdense, manteiguense, marvanense, mealhadense, medense, melgacense, mirende, mirandelense, mogadourense, moitense, monçanense, monchiquense, monfortense, montalegrense, morense, mortaguense, mouranense, murcense, nelense, nisense, nordestense, obidense, odemirense, odivelense, oeirense, oleirense, olhanense, oureense, ouriquense, palmelense, paredense, penacovense, penamacorense, penedonense, penelense, pinhelense, pombalense, porto-monicense, portalegrense, portimonense, povoacense, resendense, sabrosense, santanense, satense, senense, sernancelhense, serpense, sesimbrense, silvense, sineense, sintrense, sourense, souselense, tabuense, tabuacense, tarouquense, tavirense, tondelense, trofense, vaguense, valonguense, valpacense, velense, vidigueirense, vimiosense, vinhaense, viseense, vizelense, vouzelense

2.1.2. Rad N / N simples + -ê(a)

arouquês, canavês, mirandês, vianês

2.1.3. Rad N / N simples + -ano(a)

alcochetano, aldeano, escalabitano, limiano, louletano, salaciano, sulano, torrejano, trancosano, valenciano

2.1.4. Rad N / N simples + -eno(a)

nazareno, santareno

2.1.5. Rad N / N simples + -ino(a)

abrantino, amarantino, bragantino, corvino, nabantino, sadino, são-vicentino, varzino

2.1.6. Rad N / N simples + -eiro(a)

caleiro, carvoeiro, matosinheiro, murtoseiro, poveiro, redondeiro, tripeiro

2.1.7. Rad N / N simples + -ista

freixenista, varzinista

2.1.8. Rad N / N simples + -ato(a)

maiato

2.1.9. Rad N / N simples + -ejo(a)

alcoutenejo

2.1.10. Rad N / N simples + -elo(a)

corvelo

2.1.11. Rad N / N simples + *-enso(a)**barranquenho***2.1.12. Rad N / N simples + *-engo(a)****mertolengo***2.1.13. Rad N / N simples + *-eta****lisboeta***2.1.14. Rad N / N simples + *-ico(a)****maçanico***2.1.15. Rad N / N simples + *-oto(a)****penaguiota***2.2. Rad N-*al*¹⁰ + *-ense / -eiro(a)****alandroalense, cadavalense, funchalense, sabugalense, sardoalense, seixalense / seixaleiro***2.3. Rad N / N composto¹¹****2.3.1. Rad N / N composto + *-ense***

aguiarense, albergariense, alfandeguense, alterense, angrense, arcuense / arquense, arrudense, cabeceirense, caldense, câmara-lobense, campomaioresense, carrazedense, carregalense, castanheirense, albicastrense, castelo-vi-dense, castrense, castro-marinense, castro-verdense, celoricense, celoricense, condeixense, ferreira-rense, ferreira-rense, figueirense, figueiroense, algodrense, freixenista, lajense, lajense, macedense, marinhense, mesão-friense, moimentense, mondinense, oliveirense, oliveirense, pacense, pampilhosense, pedroguense, penalvense, reguense, ponta-delgadense, ponta-solense, barquense, praiense, proencense, ribeira-bravense, ribeirense, ribeira-grandense, riomaiorense, salvaterrense, santa-cruzense, graciosaense, santa-cruzense, feirense, tirsense, sanjoanense, pesqueirense, são-roquense, severense, sobralense, torreense / torriense¹² / torrense, vendasnovense, vianense, vieirense, vilarregense, vila-bispense, mariense, vila-franquense, vila-franquense, barquinhense, cerveirense, famalicense, fozcoense, gaiense, paivense, poiarense, aguiarense, vila-realense, vila-realense, rodense, vila-verdense, calipolense

10 Nos nomes derivados em *-al*, em que a base denota algo relacionado com vegetação (árvore / arbusto) ou rocha (*alandro, cádava, funcho, sabugo, sardo* e *seixo*, respetivamente), o sufixo é portador do semanticismo 'conjunto de X'.

De acordo com Köhnlein (2015: 183), "In the theoretical literature, it is generally assumed that place names are morphologically simplex, at least from a synchronic perspective. This derives from the observation that constituents of complex place names often become opaque over time.", o que se aplicará aos nomes derivados incluídos neste ponto.

11 Ainda que alguns elementos tenham sido suprimidos aquando da junção do sufixo de 'naturalidade', optou-se por indicar sob o mesmo rótulo casos como *câmara-lobense* (de Câmara de Lobos) e, por exemplo, *caldense* (de Caldas da Rainha), pois as bases são originariamente N compostos.

12 De acordo com a indicação do revisor anónimo 2, *torriense* é a forma que faz parte da "norma dicionarizada".

(de Aguiar da Beira, Albergaria-a-Velha, Alfândega da Fé, Alter do Chão, Angra do Heroísmo, Arcos de Valdevez, Arruda dos Vinhos, Cabeceiras de Basto, Caldas da Rainha, Câmara de Lobos, Campo Maior, Carrazeda de Ansiães, Carregal do Sal, Castanheira de Pera, Castelo Branco, Castelo de Vide, Castro Daire, Castro Marim, Castro Verde, Celorico da Beira, Celorico de Basto, Condeixa-a-Nova, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Zêzere, Figueira da Foz, Figueira de Castelo Rodrigo, Figueiró dos Vinhos, Fornos de Algodres, Freixo de Espada à Cinta, Lajes das Flores, Lajes do Pico, Macedo de Cavaleiros, Marinha Grande, Mesão Frio, Moimenta da Beira, Mondim de Basto, Oliveira de Azeméis, Oliveira do Barro, Oliveira do Hospital, Paços de Ferreira, Pampilhosa da Serra, Pedrógão Grande, Penalva do Castelo, Peso da Régua, Ponta Delgada, Ponta do Sol, Ponte da Barca, Praia da Vitória, Proença-a-Nova, Ribeira Brava, Ribeira de Pena, Ribeira Grande, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santa Cruz, Santa Cruz da Graciosa, Santa Cruz das Flores, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, São João da Madeira, São João da Pesqueira, São Roque do Pico, Sever do Vouga, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vieira do Minho, Vila de Rei, Vila do Bispo, Vila do Porto, Vila Franca de Xira, Vila Franca do Campo, Vila Nova da Barquinha, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Poiares, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Vila Real de Santo António, Vila Velha de Ródão, Vila Verde e Vila Viçosa, respetivamente).

2.3.2. Rad N / N composto + *-ano*:

torrejano (Torres Novas)

2.3.3. Rad N / N composto + *-ino(a)*

são-vicentino (São Vicente)

Nos subgrupos de 2.3, os nomes que designam a 'naturalidade' são genéricos ou específicos, ou uma combinação dos dois¹³: os genéricos referem-se, entre outros, a um local, ou a um rio, enquanto os específicos restringem ou modificam o significado dos nomes genéricos, ocupando estes geralmente a primeira posição, ou seja, ocorrendo como primeiros elementos dos compostos, como se pode observar, por exemplo, em *ribeirense* (de Ribeira de Pena).

Tal como adiantado por Ribeiro & Nunes (2023: 180), ao referirem-se às relações sintáticas entre os elementos dos compostos de algumas denominações toponímicas, verifica-se que "se encontram, maioritariamente, ocorrências de compostos modificativos, nos quais os elementos da direita, independentemente da sua configuração categorial, funcionam como modificadores do nome da esquerda".

De notar, igualmente, que a maior parte dos compostos são transparentes, do ponto de vista das formas e dos significados.

2.4. Bases [+ lat] + sufixo de 'naturalidade'

salaciano, pacense, bracarense, albicastrense, flaviense, conimbricense / conimbrigense, eborense, egitaniense, egitaniense / egitaneense, vimaranense, iacobrigense, coliponense, olisiponense, escalabitano, calipolense

(cf. Alcácer do Sal, Beja, Braga, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Évora, Guarda, Idanha-a-Nova, Guimarães, Lagos, Leiria, Lisboa, Santarém, Vila Viçosa).

13 Cf. Prasithrathsint (2007: 63), apud Köhnlein (2025: 186), o qual, num estudo de larga escala sobre nomes de lugar em tailandês, considera que, nessa língua, os nomes são "normally composed of two main parts: the generic term + the specific name".

3.

Alternâncias

As alternâncias são aqui consideradas de modo abrangente, não se restringindo aos pares em que diferentes sufixos se soldam ao mesmo radical, abarcando outras situações, como, por exemplo, as "alternâncias" de índole gráfica:

3.1. Suffixos diferentes que se soldam ao mesmo radical

Nos nomes indicados abaixo, verifica-se que o sufixo que ocorre sempre em todos os casos em que existe este subtipo de alternância é o sufixo *-ense*, não havendo, por exemplo, alternâncias **-eiro* / *-ino*, ou **-ista* / *-ano*:

alcoutenejo / *alcoutinense*, *arouquêns*, *cartaxense* / *cartaxeiro*, *corvelo* / *corvense* / *corvino*, *maçanico* / *maçaense*, *matosinhense* / *matosinheiro*, *mertolense* / *mertolengo*, *murtoense* / *murtoseiro*, *paivense* / *paivoto*, *penaguiense* / *penaguiota*, *penicheiro* / *penichense*, *poveiro* / *povoense*, *redondense* / *redondeiro*, *santarense* / *santareno*, *seixalense* / *seixaleiro*, *setubalense* / *sadino*, *trancosense* / *trancosano*, *varzinense* / *varzinista* / *varzino*, *vianense* / *vianês*.

3.2. Alternância de radicais [+/-erudito]

Neste subtipo de alternâncias, por vezes, a alternância de radical é acompanhada de uma alternância do sufixo de 'naturalidade': *coliponense* / *leiriense*, *olisiponense* / *lisboeta* / *lisbonense* / *alfacinha*, *conimbrigense* / *conimbricense* / *coimbrão*, *egitaniense* / *idanhense*, *egitaniense* / *guardense*, *escalabitano* / *santarense* / *santareno*, *pacense* / *bejense*, *salaciano* / *alcacerense*.

3.3. Alternância de radicais vernáculos

cambrense / *vale-cambrense*, *hortense* / *faialense*, *lanhosense* / *povoense*, *limarense* / *ponte-limense* / *limiano* / *limiense*, *marcuense* / *marquense* / *canavês*, *mirandense* / *corvense*, *montemorense* / *montemaiorense*, *oliveirense* / *oliveirafradense*, *ovarens* / *vareiro*, *paredense* / *coureiro*, *penafidelense* / *penafielense* (raro) / *albardeiro* (raro), *ponte-sorense* / *sorense*, *portelense* / *carvoeiro*, *reguenguense* / *monsarense*, *sampedrense* / *sulano*, *santacombadense* / *santa-combense* / *santa-columbense*, *santiaguense* / *santiguense*, *sertaginense* / *sertagenense* / *sertanense*¹⁴, *setubalense* / *sadino*, *terrabourense* / *bourense*, *tomarense* / *nabantino*.

3.4. Alternância de registo [+/-familiar]

aldeano / *aldegalense* (em desuso) / *montijense*, *alfacinha* / *lisboeta* / *lisbonense* / *olisiponense*, *caleiro* / *mourense*, *profeta* (em desuso) / *porto-santense*, *saloio* / *mafarrico* (pejorativo) / *mafrense*, *tripeiro* / *portuense*.

3.5. Variantes gráficas

portomosense / *porto-mosense*, *santacombadense* / *santa-combense*, *são-brasense* / *sambrasense*, *torreense* / *torriense*, *vila-condense* / *vilacondense*, *vila-florenc* / *vila-florense* / *vila florense*.

14 As duas primeiras formas estão mais próximas da forma latina de que se terá originado *Sertã*, i.e. *Sartagine* (cf. Nascentes 1932).

Pode, assim, observar-se que, nos casos em que há alternância, a forma em *-ense* é a mais frequentemente utilizada, embora em casos mais residuais não se possa dizer o mesmo, como, por exemplo, em *alcoutenejo* / *alcoutinense* e *penicheiro* / *penichense*.

Os derivados originam-se ora do primeiro / segundo elemento do nome composto: *lanhosense* / *povoense*; *ponte-sorense* / *sorense* (cf. Póvoa de Lanhoso e Ponte de Sor)

4.

Reajustamentos das bases

Os reajustamentos das bases subdividem-se em truncamentos e alomorfias, tal como detalhado em 4.1 e em 4.2, sendo de assinalar que há uma incompatibilidade da junção do sufixo de 'naturalidade' a bases terminadas em [ʃ] e em nasal:

4.1. Truncamentos

- **-as, -es, -os:** *abrantino, amarense, arraiolense, arronchense, barcelense, barranquenho, botiquense, felgueirense, algodrense, lajense, lourense, manteiguense, nelense, odivelense, oeirense, paredense, torricense, vaguense, velense*;
- **-es com inserção de -i-:** *torriense*;
- **-is com inserção de -l-:** *cascalense*;
- **-is com formação de hiato:** *vinhaense*;
- **-ão:** *satense*;
- **-ena:** *madalense*;
- **-s com inserção de -n-:** *pampilhonense*;
- **-s com formação de hiato:** *sineense, torreense*;
- **Desditongação** (final da base): *gouveense, oureense, pedrogueense, poveiro, senense, vilarregense, viseense*.

4.2. Alomorfias dos radicais

- **[ʃ] → [z]:** *avisense*;
- **[ʃ] → [s]:** *estremocense, porto-monicense*;
- **[g] → [s]:** *lamecense*;
- **[k] → [s]:** *celoricense*;
- **Passagem de <-ã, -ão, -ães> a <-an->:** *ansianense, baianense, cinfanense, covilhanense, fundanense, goleganense, lourinhanense, lousanense, marvanense, monçanense, mouranense, olhanense, sanjoanense*;
- **Passagem de <-ão> a <-on->:** *gavionense, portimonense*;
- **Passagem de <-im> a <-in->:** *almeirinense, castro-marinense, mondinense, varzinista*;
- **Inserção de -t- entre a base e o sufixo:** *louletano*.

5.

Distribuição geográfica dos sufixos

Sabendo-se da omnipresença de *-ense*, havendo distritos em que não há nenhum nome de 'naturalidade' formado com outro sufixo, como é o caso de Braga, Castelo Branco e Portalegre, e descontando as diferenças de registo, observe-se a tabela abaixo, em que se assinala a ocorrência de um sufixo¹⁵ numa determinada zona geográfica com +:

Tabela 1 - Distribuição geográfica dos sufixos

Sufixo	Norte	Centro	Sul	Ilhas
<i>-ano</i>	+	+	+	-
<i>-iano</i>	+	+	+	-
<i>-ão</i>		+	-	-
<i>-ato</i>	+	-	-	-
<i>-eiro</i>	+	+	+	-
<i>-ejo</i>	-	-	+	-
<i>-elo</i>	-	-	-	+
<i>-engo</i>	-	-	+	-
<i>-enso</i>	-	-	+	-
<i>-ense</i>	+	+	+	+
<i>-eno</i>	-	-	+	-
<i>-ino</i>	+	+	-	+
<i>-ês</i>	+	+	-	-
<i>-eta</i>	-	-	+	-
<i>-eto</i>	-	+	-	-
<i>-ico</i>	-	-	+	-
<i>-ista</i>	+	-	-	-
<i>-ota</i>	+	-	-	-
<i>-oto</i>	-	+	-	-

A Norte, é nos distritos do Porto e de Bragança onde existe maior variedade. Cf. *amarantino*, *maiato*, *mato-sinhense* / *matosinheiro*, *poveiro* / *varzinense*, *povoense*, *varzinista*, *varzino* e *bragantino*, *freixenista*, *mirandês*). Cf. também, *valenciano* e *penaguiense* / *penaguiota* (distritos de Viana do Castelo e de Vila Real), em que ocorrem os sufixos *-ano* / *-iano*, *-ino*, *-ato*, *-eiro*, *-ês*, *-ista*, *-ota*.

15 Para que se perceba melhor a diversidade existente, as variantes sufixais foram desagrupadas.

Ao Centro, em Aveiro, além de *-ense*, ocorrem os sufixos *-ês* e *-oto* (*arouquense* / *arouquês* e *paivense* / *paivoto*), enquanto nos distritos de Viseu, Guarda, Coimbra e Leiria só um dos respetivos municípios se caracteriza pela designação da 'naturalidade' sem recurso exclusivo a *-ense*, nomeadamente através dos sufixos *-ano* / *-ão* e *-eiro* (cf. *sampedrense* / *sulano*; *trancosense* / *trancosano*; *coimbrão* / *conimbricense* / *conimbrigense* e *penicheiro* / *penichense*, respetivamente).

A Sul, o destaque vai para os distritos de Santarém (cf. *abrantino*, *cartaxense* / *cartaxeiro*, *maçanico* / *maçaense*, *escalabitano* / *santarense* / *santareno*, *tomarense* / *nabantino*, *torrejano*) e de Setúbal (cf. *alcacerense* / *salaciano*, *alcochetano*, *seixalense* / *seixaleiro*, *setubalense* / *sadino*), ocorrendo seis formas sufixais que não *-ense*: *-ano* / *-iano* / *eno* / *-ino*, *-eiro* e *ico*.

Em Lisboa, temos *lisboeta* / *lisbonense* / *olisiponense*, em Évora *redondense* / *redondeiro*, em Beja *barranquenho* e *mertolense* / *mertolengo*.

No Algarve, ocorrem *alcoutenejo* / *alcoutinense* e *louletano*.

Finalmente, nas Ilhas, só em dois casos encontramos diversidade, nomeadamente na designação dos naturais do Corvo – Açores (*corvelo* / *corvense* / *corvino*) e de São Vicente – Madeira (*são-vicentino*).

Verifica-se, portanto, que é a Sul onde a inovação e a diversidade sufixal são maiores, ocorrendo as formas sufixais: *-ano*, *-eiro*, *ejo*, *eno*, *enso*, *engo*, *eta*, *ico* e *-ino*, além de *-ense*.

Com base ainda nos dados da Tabela 1, de salientar que algumas formas sufixais só ocorrem numa única zona geográfica, como é o caso de *-ato*, *-ista* e *-ota* (no Norte), *-ão*, *-eto* e *-oto* (no Centro), *-ejo*, *-engo*, *-enso*, *-eno*, *-eta* e *-ico* (no Sul) e, por fim, *-elo* (nas Ilhas).

6.

Rivalidade sufixal

Os dados apresentados nos pontos anteriores mostram-nos que no que diz respeito à 'naturalidade' existem sufixos rivais, uma vez que são formas estruturalmente diferentes pertencentes ao mesmo subsistema, com valor semântico idêntico e disputando o mesmo tipo de bases, o que parece comprovar que a hipótese de 'um afixo-uma regra' (cf., por exemplo, Aronoff 1976) nem sempre encontra paralelo nas línguas naturais. Todavia, considerando a predominância de *-ense*, não será difícil prever que caso um novo concelho venha a ser criado os seus naturais ou habitantes passem a ser designados por *X-ense*, tal como aconteceu com os mais recentes¹⁶. Como também sabemos, é tendência natural das línguas que sufixos que funcional e semanticamente sejam idênticos se excluam mutuamente, prevalecendo os que têm um grau de rentabilidade maior, o que conduz à regularidade do sistema, embora a escolha de um sufixo em detrimento de outro não se deva exclusivamente a imposições do sistema, pois o papel da norma é um fator igualmente significativo. Os falantes, ao privilegiarem as formas e os processos mais frequentes e seguindo o princípio de economia da língua, vão a pouco e pouco descartando as várias possibilidades do sistema, evitando e resistindo a duplicações. Assim, no subsistema sufixal da expressão da 'naturalidade' em português a única regra passível de ser estabelecida é: *RadNom* / *N* + *suf* → *N*, sendo previsível que só o sufixo *-ense* esteja disponível para participar em novas

16 Refiro-me aos concelhos de Odivelas, Trofa e Vizela, criados em 1998 pelo XIII Governo Constitucional, chefiado por António Guterres (cf. *Diário da República*, Lei nº 84/98, de 14 de dezembro).

formações, independentemente do tipo de base, havendo, ou não, condicionamentos fonológicos ou outros. Existe, pois, uma conjugação de fatores linguísticos (sobretudo fonológicos e morfológicos) que favorecem o emprego de *-ense*, sufixo que, entre outros aspetos, não é portador de marcas de género¹⁷, o que talvez se possa atribuir ao carácter “erudito” do sufixo, o mesmo não acontecendo com a sua contraparte “popular” *-ês* (masculino) / *-esa* (feminino), nem com outros sufixos, como, por exemplo, *-ano* / *-ana*, *-ino* / *-ina*, *-eiro* / *-eira*.

Em português, o sufixo *-ense* e o seu correlato *-ês* parecem ter assumido direções diferentes: enquanto se privilegia o uso de *-ês* para indicar a ‘naturalidade’ relativa ao país (por exemplo, *francês* e *inglês*), *-ense* utiliza-se sobretudo para indicar a ‘naturalidade’ interna ao país (é assim no *corpus* analisado e noutras exemplos, como, por exemplo, *fluminense* e *vienense*, de Rio de Janeiro e de Viena).

À medida que alguns foram perdendo rentabilidade (por exemplo, *-ino* e *-ejo*), *-ense* ocupou praticamente todo o território dos sufixos de ‘naturalidade’, juntando-se a bases simples e complexas e sobrepondo-se aos “populares” *-ês* e *-eiro*, nos casos em que existem / existiram alternâncias.

Pelo atrás descrito, é com alguma segurança que se pode afirmar que, no que diz respeito à formação de nomes de ‘naturalidade’ por sufixação, a rivalidade sufixal é meramente aparente, com tendência para vir a desaparecer por completo.

7.

Conclusões

As evidências do estudo efetuado coadunam-se com o descrito na literatura de referência, particularmente com alguns estudos, como o de Plag (1999), incidindo sobre a rivalidade sufixal, em que são considerados afixos que operam sobre o mesmo tipo de bases, mas que diferem a nível fonológico, veiculando o mesmo significado, ou seja, elementos afixais distintos formalmente que originam o mesmo tipo de palavras complexas, quer no que diz respeito à categoria sintática, quer do ponto de vista semântico.

Os resultados obtidos estão igualmente em conformidade com as considerações de Bauer (2001) relativas à produtividade morfológica, deles se concluindo que na análise de um determinado subsistema sufixal, como é o caso da formação de nomes de ‘naturalidade’ sufixados, terão de ser considerados múltiplos fatores linguísticos (de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica) que interagem entre si, (por exemplo, a natureza do segmento final – vocálico, ou consonântico -, a categoria e o tipo de bases - simples, derivadas e compostas).

A redução manifesta do número de elementos que constituem o subsistema sufixal de nomes de ‘naturalidade’ em português permite-nos, pois, concluir que a tendência vai sempre no sentido da diminuição de sufixos derivacionais que veiculam o mesmo significado. Quando são várias as possibilidades existentes no sistema, os falantes adotam e replicam as formas e modelos mais frequentes e, deste modo, as formas e processos que perdem rentabilidade tenderão a desaparecer do sistema, ou, em caso de coexistência, estarão sujeitas a restrições semânticas e contextuais, entre outras.

17 O que não exclui, naturalmente, que, noutras contextos, não se encontre a forma *-ensa*. Por exemplo, existia no final do século XIX uma empresa registada com o nome de “Empreza Tauromachica **lisbonensa**”. Cf. https://www.papeisdevalor.org/images/arquivo/permutas/009_catal_permuta_inv_prim_2013.pdf.

Espera-se que esta contribuição sirva, de alguma forma, para a sistematização dos nomes complexos do português que expressam a 'naturalidade', sendo certo que o alargamento do *corpus*, através da inclusão de todas as freguesias de Portugal¹⁸, proporcionará outros olhares linguísticos sobre este tópico e, eventualmente, enriquecendo outros estudos em que são descritos e analisados fatores de outra natureza (topografia, geologia, política, cultura, etc.).

18 Em Portugal (cf. <https://freguesiasdeportugal.com/>), as freguesias encontram-se distribuídas do seguinte modo: Continente (2 882), Região Autónoma dos Açores (155) e Região Autónoma da Madeira (54).

Agradecimentos

Agradeço aos dois revisores anónimos os comentários e sugestões a uma primeira versão deste texto.

Referências bibliográficas

- Aronoff, Mark (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press.
- Bauer, Laurie (2001). *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Caetano, Maria do Céu (2003). *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português: análise de algumas correlações sufixais*. Lisboa: UNL-FCSH.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Haspelmath, Martin (2023). "Defining the word". *Word*, 69(3), 283–297.
- Houaiss, Antônio *et al.* (2011). *Dicionário do Português Atual Houaiss*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Kohnlein, Björn (2015). "The morphological structure of complex place names: the case of Dutch". En *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 183–212.
- Leite de Vasconcelos, José (1959) [1911]. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Lipka, Leonhard (2000). "Word-formation and (proper) names: a neglected field". En Kastovsky, Dieter *et al.* (eds.), *Words: Structure, Meaning, Function*, 187–203. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Nascentes, Antenor (1932). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Plag, Ingo (1999). *Morphological productivity: structural constraints in English derivation*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- Ribeiro, Susana & Nunes, Susana (2023). "Topónimos compostos no Português Europeu: Nomes de freguesia nos distritos portugueses de Aveiro e Guarda", *Papéis: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Estudos De Linguagens - UFMS*, 27(53), 160-184.

Anexo 1

A – Abrantes, Águeda, Aguiar da Beira, Alandroal, Albergaria-a-Velha, Albufeira, Alcácer do Sal, Alcanena, Alcobaça, Alcochete, Alcoutim, Alenquer, Alfândega da Fé, Alijó, Aljezur, Aljustrel, Almada, Almeida, Almeirim, Almodôvar, Alpiarça, Alter do Chão, Alvaiázere, Alvito, Amadora, Amarante, Amares, Anadia, Angra do Heroísmo, Ansião, Arcos de Valdevez, Arganil, Armamar, Arouca, Arraiolos, Arronches, Arruda dos Vinhos, Aveiro, Avis, Azambuja

B – Baião, Barcelos, Barrancos, Barreiro, Batalha, Beja, Belmonte, Benavente, Bombarral, Borba, Boticas, Braga, Bragança

C – Cabeceiras de Basto, Cadaval, Caldas da Rainha, Calheta (Açores), Calheta (Madeira), Câmara de Lobos, Caminha, Campo Maior, Cantanhede, Carrazeda de Ansiães, Carregal do Sal, Cartaxo, Cascais, Castanheira de Pera, Castelo Branco, Castelo de Paiva, Castelo de Vide, Castro Daire, Castro Marim, Castro Verde, Celorico da Beira, Celorico de Basto, Chamusca, Chaves, Cinfães, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Constância, Coruche, Corvo, Covilhã, Crato, Cuba

E – Elvas, Entroncamento, Espinho, Esposende, Estarreja, Estremoz, Évora

F – Fafe, Faro, Felgueiras, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Zêzere, Figueira da Foz, Figueira de Castelo Rodrigo, Figueiró dos Vinhos, Fornos de Algodres, Freixo de Espada à Cinta, Fronteira, Funchal, Fundão

G – Gavião, Góis, Golegã, Gondomar, Gouveia, Grândola, Guarda, Guimarães

H – Horta

I – Idanha-a-Nova, Ílhavo

L – Lagoa (Açores), Lagoa (Algarve), Lagos, Lajes das Flores, Lajes do Pico, Lamego, Leiria, Lisboa, Loulé, Loures, Lourinhã, Lousã, Lousada

M – Mação, Macedo de Cavaleiros, Machico, Madalena, Mafra, Maia, Mangularde, Manteigas, Marco de Canaveses, Marinha Grande, Marvão, Matosinhos, Mealhada, Mêda, Melgaço, Mértola, Mesão Frio, Mira, Miranda do Corvo, Miranda do Douro (Miranda de I Douro), Mirandela, Mogadouro, Moimenta da Beira, Moita, Monção, Monchique, Mondim de Basto, Monforte, Montalegre, Montemor-o-Novo, Montemor-o-Velho, Montijo, Mora, Mortágua, Moura, Mourão, Murça, Murtosa

N – Nazaré, Nelas, Nisa, Nordeste

O – Óbidos, Odemira, Odivelas, Oeiras, Oleiros, Olhão, Oliveira de Azeméis, Oliveira de Frades, Oliveira do Barro, Oliveira do Hospital, Ourém, Ourique, Ovar

P – Paços de Ferreira, Palmela, Pampilhosa da Serra, Paredes, Paredes de Coura, Pedrógão Grande, Penacova, Penafiel, Penalva do Castelo, Penamacor, Penedono, Penela, Peniche, Peso da Régua, Pinhel, Pombal, Ponta Delgada, Ponta do Sol, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Ponte de Sor, Portalegre, Portel, Portimão, Porto, Porto de Mós, Porto Moniz, Porto Santo, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Povoação, Praia da Vitória, Proença-a-Nova

R – Redondo, Reguengos de Monsaraz, Resende, Ribeira Brava, Ribeira de Pena, Ribeira Grande, Rio Maior

S – Sabrosa, Sabugal, Salvaterra de Magos, Santa Comba Dão, Santa Cruz, Santa Cruz da Graciosa, Santa Cruz das Flores, Santa Maria da Feira, Santa Marta de Penaguião, Santana, Santarém, Santiago do Cacém, Santo Tirso, São Brás de Alportel, São João da Madeira, São João da Pesqueira, São Pedro do Sul, São Roque do Pico, São Vicente, Sardoal, Sátão, Seia, Seixal, Sernancelhe, Serpa, Sertã, Sesimbra, Setúbal, Sever do Vouga, Silves, Sines, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Soure, Sousel

T – Tábua, Tabuaço, Tarouca, Tavira, Terras de Bouro, Tomar, Tondela, Torre de Moncorvo, Torres Novas, Torres Vedras, Trancoso, Trofa

V – Vagos, Vale de Cambra, Valença, Valongo, Valpaços, Velas, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Viana do Castelo, Vidigueira, Vieira do Minho, Vila de Rei, Vila do Bispo, Vila do Conde, Vila do Porto, Vila Flor, Vila Franca de Xira, Vila Franca do Campo, Vila Nova da Barquinha, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Poiares, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Vila Real de Santo António, Vila Velha de Ródão, Vila Verde, Vila Viçosa, Vimioso, Vinhais, Viseu, Vizela, Vouzela.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

**Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)**

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade de Santiago de Compostela (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Maria Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninoyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciencia,
Generalitat Valenciana (España)

